

---

## ÉTICA, POLÍTICA E CRÍTICA DA CULTURA LIBERAL: CONTRIBUIÇÕES DE ANÁLISES SOBRE RUSSELL E SENNETT PARA O EXERCÍCIO DA INTERDISCIPLINARIDADE

Jairo Demm Junkes<sup>1</sup>

Rafael Garcia dos Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo estabelecer um panorama comparativo entre a reflexão existencial e de posicionamento do filósofo britânico Bertrand Russell e a análise contemplativa, porém, voluntariamente propositiva do Sociólogo norte-americano, Richard Sennett. Em um primeiro momento será apresentado o enfoque de reflexão de Russell com base em premissas existenciais, tais como ética e liberdade, procurando afirmar o utilitarismo e se afastar em absoluto de um eventual radicalismo político. Posteriormente, a postura ainda que insatisfeita de Sennett em relação ao trabalho capitalista é apreciada mais em função de sua disposição em superar contradições que o incomodam. Por fim, em uma análise comparada, será realizado um exercício de avaliação e problematização destas duas perspectivas.

**Palavras-chave:** Ética e Política; liberalismo; utilitarismo; lógica capitalista; antídoto teórico.

### ABSTRACT

The presente article aims to establish a comparative panorama between the neutral existential and positioning of the British philosopher Bertrand Russell and the contemplative analysis, however, voluntarily propositional of the American sociologist, Richard Sennett. In a first moment, Russell's reflection approach will be presented based on existential premises, such as ethics and freedom, seeking to affirm utilitarianism and to move away from a eventual political radicalism. Subsequently, Sennett's stance, although unsatisfied, in relation to capitalist work is appreciated more because of his willingness to overcome contradictions that bother him. Finally, in a comparative analyses, an exercise to assess and problematize these two perspectives will be carried out.

**Keywords:** Ethics and politics; liberalism; utilitarianism; capitalism logic; theoretical antidote.

---

<sup>1</sup> Licenciado e bacharelado em História pela FURB (2008), Licenciado em Filosofia pela UFSC (2017), Especialista em História e Cultura Afro-brasileira pela FIJ (2009) e Doutor em Filosofia pela UNISINOS (2018). Professor de Filosofia da rede estadual de ensino de Santa Catarina e Docente dos cursos de Filosofia, Sociologia, Ciência Política e Teologia da Uniasselvi. E-mail: demmobr@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Ciências Sociais pela FURB (2006), Especialista em Educação a Distância pela Uniasselvi (2020) e Doutorando em Sociologia pela UNISINOS. Professor de Sociologia e Filosofia do Colégio Alfa Castelo - Blumenau e Tutor Interno dos cursos de Filosofia, Sociologia, Ciência Política e Teologia da Uniasselvi. E-mail: r\_starkiller@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Normalmente, no campo das Ciências Humanas e da Filosofia, tendemos a categorizar autores, grupos de autores, correntes teóricas, conceitos etc., como imiscíveis. Isso ocorre na maioria das vezes de forma involuntária, já que fazemos conexões entre pensadores muitas vezes por aspectos como, o que defendem e ao que se opõem. Essa tendência, todavia, não é necessariamente precisa a ponto de a generalizarmos sua capacidade de estabelecer categorias.

Paralelamente, é igualmente corriqueira a formação de confrarias do pensamento acadêmico, ou mais precisamente, da separação dialógica entre campos distintos da ciência, diferentes áreas do conhecimento dentro de um mesmo campo, e de diferentes correntes teóricas dentro de uma mesma ciência. Desta feita, é inegável que se faz necessária a análise voluntária da realidade por meio de “antagonismos” argumentativos e também da interdisciplinaridade.

Tomando os argumentos acima como base, o objetivo deste artigo é realizar uma reflexão de autores de diferentes áreas do conhecimento (embora do mesmo campo), de diferentes épocas e, principalmente, com diferentes perspectivas acerca da realidade. Mais adiante, pretendemos progredir nessa análise, mas com pensadores e correntes teóricas ainda mais distintas, inclusive com modos distintos de encarar o ofício.

Para tal empreitada, selecionamos o filósofo britânico Bertrand Russell e o sociólogo norte-americano Richard Sennett. Recorremos a um levantamento bibliográfico de ambos, pautado em leituras prévias e revisitadas, tendo em vista expor fragmentos dos pensamentos de ambos em formato narrativo “desconexo”, sem aproximação ou similaridade argumentativa, de enfoque ou de cosmovisão. Literalmente, a leitura do texto é como o choque de dois espelhos com cenários refletidos diferentes. De um lado a filosofia reflexiva e engajada de Russel, de outro, a sociologia crítica, porém, otimista e propositiva de Sennett.

Esse exercício analítico se dá em razão de diálogos presentes em nosso cotidiano quanto a essa compartimentação do conhecimento científico e da justaposição dos personagens da academia. Não tem a pretensão de ser um marco, tampouco estabelecer parâmetros. Trata-se muito mais de por em prática o ofício de se debruçar sobre algo que inquieta, ao mesmo tempo que possa servir de aparato para investigações futuras, nossas, como de outros pares, eventualmente.

## 2. A SOCIEDADE HUMANA NA ÉTICA E POLÍTICA

Russel dedicou sua vida aos atos de reflexão através da matemática, da lógica e da filosofia, apresentou posicionamentos polêmicos durante sua trajetória, da mesma forma como se autodenominou por meio de ideologias e conceitos, ao menos em uma primeira análise, contraditórios entre si.

Ainda assim, em certos momentos, como nas passagens que serão abordadas da obra *A Sociedade Humana na Ética e na Política*, nas quais o filósofo se mostra contido, preferindo a análise contemplativa para não incorrer em distração analítica e, principalmente, em radicalismo político.

Esta obra foi escrita em duas partes, como forma de expressar as ideias de Russell sobre suas concepções sobre Ética e sua conexão com a Política. A primeira parte diz respeito a textos escritos nos anos de 1945 e 1946, onde Russell afirma não escrever nada de original, apenas busca construir uma base sólida para as suas argumentações, visto que seus críticos nessa época afirmavam que ele não tinha credenciais para comentar sobre temas éticos. Esta primeira parte do livro é importante para esta tese pois busca dar uma interpretação aos padrões ético-políticos da época, bem como fazê-lo expondo uma moralidade onde a dogmatização não seja considerada elemento central na organização social. “Este livro tem duas finalidades, a primeira é a exposição de uma ética despida de dogmas; a segunda, a aplicação dessa ética a vários problemas políticos atuais” (RUSSELL, 1956. p. 9).

Na segunda parte da obra, escrita em 1956, após receber o prêmio Nobel de Literatura<sup>3</sup>, o autor, de maneira pretenciosa busca dar uma visão mais ampliada de suas concepções políticas, principalmente nos aspectos que ele considera mais importantes no que diz respeito a ética.

Russell acreditava que seu livro trata sobre características humanas que são determinantes em suas ações políticas, e por conta disso, da construção da ética do século XX, as paixões humanas. Ele acredita que tanto ele, quanto seus severos críticos, estão sendo guiados pelos mesmos sentimentos, as paixões, que suas ideias, por serem defendidas de forma apaixonada, tornam-se perigosas quando contrariam as concepções de outros grupos,

---

<sup>3</sup> Em 1950, Bertrand Russell recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, não por uma obra necessariamente ou por uma contribuição estritamente literária, mas pelo seu ativismo pacifista, onde através de seus textos, buscava dar uma interpretação diferenciada dos padrões da época buscando um foco no amor e no respeito.

pois as discussões sobre a moralidade vão sempre mexer com as paixões alheias, fazendo com que as pessoas reajam com igual intensidade apaixonada.

Como bom lógico, Russell vai expor suas ideias de uma maneira bastante direta, não deixando nenhum argumento com partes ocultas, pois o interesse dele é de, não somente expor suas ideias, mas também de tornar possível que seus críticos, mesmo os mais apaixonados, possam conhecer um pouco sobre seus pontos de vista, de uma maneira “mais tranquila”, não sendo no calor das discussões.

## 2.1. A MORAL COMO UM MEIO

Neste momento Russell afirma que há um enquadramento dos seres humanos aos padrões morais, dando funcionalidade a legislação através, principalmente, de dois meios, a convenção social (como valores e tradições) e a outra como obediência ao desejo de Deus. Para ele, podemos considerar que “o homem virtuoso obedece ao código da *minha*<sup>4</sup> comunidade” (RUSSELL, 1956. p. 33).

Russell afirma que a definição de conduta moral muda consideravelmente com o passar do tempo, mesmo que tenhamos resquícios de algumas crenças nos dias atuais como;

... antigos costumes semíticos de sacrificar crianças a Moloch, o poder de vida e morte dos pais romanos sobre os filhos, a antiga prática chinesa de comprimir os pés das mulheres ou o costume da mulher japonesa de dormir com um travesseiro de madeira enquanto os maridos repousavam em macias almofadas. (RUSSELL, 1956. p. 34)

Russell com essa ilustração não tem como intuito julgar os padrões morais que os citados grupos tinham, a intenção dele era demonstra a diferenciação que pode existir entre as mais diversas sociedades ditas como civilizadas, e como a um olhar aos nossos (refere-se principalmente aos contemporâneos de Russell, no século XX) contemporâneo isso possa parecer bárbaro.

Russell salienta que é necessário, na construção de um código de regras de uma sociedade, um esclarecimento maior sobre o uso das decisões, sobre que circunstâncias certas coisas são consideradas moralmente aceitas, e em que circunstâncias essas ações podem ser consideradas abomináveis. Ele salienta a necessidade de racionalização das situações para evitar-se cair na armadilha do radicalismo do cumprimento das regras (que podem ser

---

<sup>4</sup> Grifo do autor.

comumente encontrado nos meios religiosos, mas não somente nestes). Cita-se à seguir um exemplo radical, que tem a intenção de ilustrar a necessidade de uma visão mais reflexiva das regras, para uma aplicabilidade mais eficiente:

Vejam a proibição do incesto. Suponhamos que as bombas atômicas houvessem reduzido a população do mundo a um casal de irmão; deveriam eles deixar desaparecer a raça humana? Não sei qual seja a resposta, mas não julgo que possa ser afirmativa, apenas baseada na nocividade do incesto. (RUSSELL, 1956. p. 36)

Aqui vale lembrar que Russell propõe um exercício hipotético a um nível radical, ou seja, ele não necessariamente estaria estimulando o incesto como uma prática aceitável. Mesmo porque ele, na metade do século XX, já tinha conhecimento de possíveis problemas que poderiam ser gerados a saúde do bebê que advém de uma relação incestuosa, e obviamente tinha pleno conhecimento que o incesto era muito praticado por muitos grupos, seja para garantir a sucessão ao trono sem uma disputa com outras famílias ou para não haver divisão de fortunas. Ele com seu exemplo ilustrativo, quer propor a reflexão sobre a consequência e eventual necessidade da prática de determinados atos, em determinados contextos, afirmando que as reflexões devem levar em conta não apenas concessos de valores que são pertencentes a uma determinada época.

Bertrand afirma que os padrões éticos, devem propor o que é o mais adequando naquele momento (por isso as legislações devem ser constantemente revistas e atualizadas), e afirma que nossa definição é baseada em certo e errado, em grande parte pelo que é considerado com tendo bons ou maus resultados. Ele inclusive encontra uma linha de Filosofia, que se desenvolveu muito no território britânico, que se encaixa bem nesse ponto de vista, o utilitarismo<sup>5</sup>. Para Russell, o conceito de bem, de bom, é equivalente ao conceito de utilidade dos seguidores de Bentham, pois os mesmos, afirma que o *princípio da utilidade* deve levar em consideração os resultados, e que as consequências de uma legislação podem inclusive ser simulados, como em um cálculo.

O princípio da utilidade afirma que a elaboração de uma lei deve levar em consideração os impactos que ela causará, tendo por base alguns elementos, como, essa nova lei, traria benefícios para o próprio indivíduo, se lhe deixaria feliz, em seguida, se ele se orgulharia de ter composto tal lei, e seguindo-se, se essa lei traria benefícios a todos os

<sup>5</sup> Essa linha de Filosofia tornou-se bastante popular na Grã-Bretanha, tendo um de seus primeiros grandes autores o filósofo Jeremi Bentham.

membros da sociedade, ou pelo menos, à uma esmagadora maioria de pessoas. Os valores dessas incógnitas eram definidos com pesos diferentes, sendo sempre considerado com peso mais relevante, as ações que fossem gerar a felicidade, ou bem-estar, a maioria das pessoas.

É importante afirmar que os utilitaristas não necessariamente estão preocupados apenas com a felicidade, como citado no texto sobre as visões de Russell sobre Bentham, que constam no anexo 1, Bentham afirma que vivemos sob o domínio de duas forças antagônicas, uma delas sendo o prazer<sup>6</sup>, e a outra, representada pelo sofrimento e pela dor. Para Bentham, em opinião corroborada por Russell, as leis, devem sempre buscar a felicidade (uma forma de prazer é a felicidade), mas, se não for assim possível, devem pelo menos garantir que as pessoas estejam, quanto mais afastada possível da dor.

Segundo Russell, até teólogos como Tomás de Aquino usam-se de argumentos utilitaristas para defender seus pontos de vista sobre diversos aspectos, como fez sobre o casamento:

.. se o casamento não fosse permanente, os pais não tomariam parte na educação dos filhos; mas os pais são úteis, tanto por serem mais racionais que as mães como por sua força física necessária à punição; em consequência, o casamento deve ser permanente. (RUSSELL, 1956. p. 38)

Dessa forma, O pensador britânico demonstra que até raciocínios das normatizações cristãs, como as propostas com Aquino, tem como interpretação suas consequências.

Filósofos como Kant, defendem que a felicidade/prazer, nada devem ter de importância para a construção do edifício moral, e que a virtude, essa sim é considerada a viga mestra para a solidez de um código ético. Kant corrobora com os estoicos que a noção de dever<sup>7</sup>, como demonstração de virtude deve vir antes na noção de felicidade e prazer, e que essas sensações deveriam ser proporcionadas pela satisfação de seguir as leis.

Vale lembrar que Kant, como um filósofo deísta, tinha a necessidade de conciliar suas concepções conceituais a uma noção religiosa, e nessa parte é que entra a felicidade em Kant, essa acontece num paraíso pós morte, pois, as leis devem determinar que tratemos com igual rigor de justiça tanto as pessoas que queremos bem, quanto as que não tenhamos muita afinidade, afirmando inclusive, que é muito mais mérito de ação a um ser humana, ter a

---

<sup>6</sup> Os utilitaristas são bem específicos ao tratar o tema do prazer, deixando bem claro que a noção de prazer deve ser encarada como sinônimo de felicidade, diferenciando-se assim de prazeres efêmeros, e que eventualmente possam ter consequências negativas.

<sup>7</sup> Essa visão de Kant é muitas e equivocadas vezes, encarada como uma forma de explicar o senso de dever pregado pela cultura alemã, não raramente justificando certos sistemas de governos como o nazista.

capacidade de superar seus sentimentos, tratando bem alguém com o qual não possui tanta afinidade, do que trata bem a que temos maior proximidade.

Russell afirma que uma felicidade coletiva, uma forma de evitar ao máximo o sofrimento, aos moldes das visões dos utilitaristas<sup>8</sup>, é mais adequado para a construção de uma sociedade eticamente funcional, pois com isso, os indivíduos seriam compelidos a seguir as regras não por obrigação ou por um dever dogmático milenar e estático, mas por uma afinidade de valores, que faria com que o indivíduo, inserido no corpo da sociedade, encarasse a leis como um sinônimo de garantia de felicidade em bem estar, para si e para as pessoas que ela convive.

Para o pensador, a noção de agir, ao molde do utilitaristas, deve ser uma base, um paradigma, que pode ser adaptado, mas que as noções de trazer o bem estar para a população, de trazer uma chance maior de evitar o sofrimento do corpo coletivo, deve ser o principal elemento no momento da construção de um código de leis, onde conceitos como bem e mal sejam deixados de lado, onde com base na maior possibilidade de êxito na busca da felicidade, deva-se estimular o certo ao invés do bom, pois o bom, será bom inclusive com as pessoas que lhe forem hostis, mas o certo, terá por base os códigos legais, constituídos para a realização do bem geral comum.

### 3. SENNET E A LÓGICA CAPITALISTA

Richard Sennett, professor da New York University, da London School of Economics e da Cambridge University, em entrevista sobre o seu projeto *Homo Faber*, declarou seu desejo em buscar soluções, ao invés de apenas apontar os problemas. “É deprimente escrever somente sobre o que não funciona bem” (SENETT, 2012).

De fato, Sennet, estarecido com o apogeu da perspectiva neoliberal na virada da década de 1990, se ocupou em denunciar os perigos do que nomeou novo capitalismo. Nesse período, o autor escreveu uma série de ensaios, esclarecendo sua visão negativa em relação às consequências da lógica capitalista nos diferentes aspectos da vida humana. Sua obra que ilustra essa é, sem dúvida, *A corrosão do caráter* (SENETT, 1999). Esta obra se debruça sobre as consequências pessoais do capitalismo no trabalho e na vida das pessoas. Sennett defende a ideia de que o imperativo da flexibilidade imposto por uma nova configuração

---

<sup>8</sup> Vale aqui lembrar que Bertrand Russell era afilhado de um grande filósofo utilitaristas, John Stuart Mill, mas não percebe-se uma influência direta deste nas reflexões russellianas.

econômica - o “novo capitalismo” - é pernicioso ao caráter pessoal. O lema “não há mais longo prazo” da nova economia coloca em xeque as noções de compromisso, confiança e lealdade. O autor argumenta que os valores anteriormente citados só podem ser construídos e fundamentados através de “laços fortes que dependem da associação a longo prazo” (SENNETT, 1999, p. 25). Nas publicações posteriores, *Respeito e A cultura do novo capitalismo*, Sennett (2004, 2006) reitera sua crítica à nova configuração do capitalismo e os impactos dessas mudanças nos nossos valores sociais e culturais. Opondo o novo ao velho, Sennett transparece certo saudosismo na comparação entre o capitalismo industrial do século XIX e o novo capitalismo global do século XX. Embora, reconheça os aspectos nocivos do modelo de produção “militarizado” das indústrias, Sennett argumenta que as rígidas estruturas burocráticas e o tempo como instrumento de robotização, permitiam a construção de uma narrativa pessoal, ao passo que a fluidez das instituições contemporâneas deixa os indivíduos à deriva, para usar expressão do próprio autor. É, portanto, com pessimismo que Sennett vê as transformações que retrata.

No entanto, o autor reconhece que o momento é de nova transformação. O modelo neoliberal que o motivou a escrever os ensaios críticos entrou em crise, no que diz respeito à sua manutenção financeira e a sustentabilidade de suas fontes. O autor pondera: “hoje, eu diria que a ideia de encontrar uma alternativa não é um projeto utópico, mas algo que precisamos fazer porque esse sistema não funciona” (SENNETT, 2012, *online*).

Encontrar alternativas é o escopo de Sennett na trilogia *Homo Faber*, a qual tem como temática central o que o autor considera as habilidades determinantes para a condução da vida cotidiana. O título do projeto refere-se às reflexões propostas por Hannah Arendt (1958), em *A condição humana*. Nesta obra é sistematiza a condição humana entre labor, trabalho e ação, além de indicar uma dicotomia entre trabalho manual (homem que faz) e intelectual (homem que pensa). Seu objetivo é mostrar as limitações do pensamento marxista ao limitar trabalho à atividade produtiva. Em *Homo Faber*, Sennett recusa essa divisão e projeta seus motivos nos três livros que compõem o projeto. Em *O artífice*, Sennett (2009) estabelece um vínculo entre o fazer e o pensar, articulando a relação entre o trabalho manual e mental. Na perspectiva do autor, é tão artífice um marceneiro quanto um programador de *software*, à medida em que para ambos os ofícios se demanda proficiência técnica, colaboração e experimentação, fora uma compreensão mental daquilo que se produz. Em *Juntos*, Sennett (2012) dá continuidade às reflexões iniciadas em *O artífice*, explorando a ideia de cooperação como uma habilidade

fundamental na realização de tarefas práticas. Dividido em três partes, *Juntos* examinam de que maneira a cooperação pode ser determinada, mitigada ou fortalecida nas relações sociais e profissionais. Em *Construir e habitar: ética para uma cidade aberta*, o autor busca aplicar as reflexões dos dois primeiros livros numa reflexão sobre urbanismo e arquitetura. Sennett acredita que as cidades podem ser melhores do que são atualmente. A trilogia *Homo Faber*, é, portanto, um projeto propositivo que visa destacar aspectos mais positivos do trabalho. Por muito tempo, o autor dedicou-se a expor contradições e falhas do trabalho no capitalismo moderno, em geral de forma bastante ácida em relação à maneira como as pessoas trabalham. Em *Homo Faber*, Sennett indica o que considera um bom modo de trabalhar.

### 3.1. OTIMISMO E ENFOQUE ANALÍTICO COM BASE NA SUBJETIVIDADE

Como analista social, Sennett sempre observou em suas investigações as influências das transformações socioeconômicas no âmbito das dinâmicas de trabalho. Embora *A corrosão do caráter* (SENNETT, 1999) seja um marco da produção do autor em relação ao tema, seu trabalho inaugural sobre as implicações da nova economia na esfera do trabalho remete a 1972, quando em coautoria com Jonathan Cobb, Sennett escreveu *The hidden injuries of class*, um ensaio sobre o cotidiano de operários norte-americanos. A possibilidade levantada pelos autores é de que a própria dignidade humana é ameaçada quando se adota uma divisão arbitrária de valores e talentos representada pela estrutura de classes. Nesse livro, há um dedicado enfoque aos impactos emocionais, mais do que econômicos da organização por hierarquia na sociedade norte-americana. Esse tipo de reflexão é o que distingue a sociologia de Richard Sennett. Para desenvolver suas abordagens, o autor lança mão de dados econômicos e teorias sociais, mas recorre com muita frequência a narrativas pessoais e à vida diária dos sujeitos.

Em *Respeito* (SENNETT, 2004) o autor lida com questões como autoestima e compaixão em um universo de desigualdades; em *A cultura do novo capitalismo*, Sennett (2006) destaca os mal-estares causados pelas incertezas de um universo profissional cambiante. Em *A corrosão do caráter* (SENNETT, 1999) é a ameaça aos conceitos de lealdade, confiança e comprometimento que preocupa o autor. A ênfase nas implicações subjetivas das mudanças faz da bibliografia de Richard Sennett um consistente subsídio para os estudos da produção da subjetividade no universo profissional contemporâneo.

Observa-se que tanto nas publicações iniciais quanto em produções mais recentes, o alvo do autor pode ser definido como uma busca de compreensão sobre os sentidos que são construídos pelos sujeitos - individualmente - e pela sociedade, em contextos socioeconômicos críticos. Na virada do século, o “novo capitalismo” alterou a rotina e a ética do trabalho. As relações de curto prazo, típicas desse redesenho cultural, puseram sob perigo o progresso coletivo. Hoje, o cenário não é mais animador; segundo o autor continuamos em condições econômicas e sociais desfavoráveis. Contudo, Sennett persiste em ser mais esperançoso.

Assim, ainda que o projeto *Homo Faber* marque um novo momento no trabalho do autor, vale ressaltar que não se trata tanto de uma mudança de pensamento, mas de posicionamento. Sennett continua descontente com o rumo das coisas, porém, ele acredita que trabalhando de forma conjunta, detectando e resolvendo problemas à maneira do artífice, é possível ampliar nossa capacidade de redefinir o cenário.

Embora essa breve contextualização teórica tenha se orientado por um paradigma temporal, esse artigo não percorre um caminho cronológico da obra do autor. São os temas que norteiam a narrativa, ligando obras passadas e atuais. No decorrer de sua bibliografia, Sennett constantemente revisita aspectos essenciais, como autoridade, colaboração, flexibilidade e autonomia, enriquecendo suas análises com novos exemplos e aportes teóricos. A presente abordagem se propõe a mostrar a realidade apresentada por Sennett nas suas publicações como um panorama de diagnósticos amargos, no entanto, sem se eximir de refletir e problematizar os contrassensos do trabalho no capitalismo, tendo como objetivo, estabelecer soluções como em um antídoto teórico.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A interdisciplinaridade, assim como a multidisciplinaridade, são temas de demanda alta, especialmente no bojo das Ciências Humanas e da Filosofia. Prioritariamente, visa-se estabelecer parâmetros e estudos com diferente ferramental metodológico para ampliar a gama de respostas a perguntas comuns. Isso, entretanto, se choca com o fechamento das diferentes áreas do conhecimento em gavetas fechadas hermeticamente.

A possibilidade de justapor diferentes tinturas teóricas em um estudo, conforme o enfoque que se pretende dar, não é algo novo, contudo, é algo difícil de ser obtido sem um certo ajuste analítico.

Bertrand Russell e Richard Sennett, os pensadores que foram brevemente apresentados nesse artigo por meio de algumas de suas premissas, são pensadores de diferentes épocas e áreas do conhecimento específicas. Russell foi filósofo e vivenciou o fim do séc. XIX e o séc. XX até o ano de sua morte, em 1970. Richard Sennett é sociólogo, nascido em 1943 e atuante até hoje. Claramente, tratamos de pensadores inseridos em diferentes contextos, a questão é, seria possível dialogarem teoricamente? É crível que pensadores tão distintos sejam utilizados em uma mesma pesquisa?

Aos questionamentos expostos acima temos, conforme o diálogo reflexivo que a leitura de um seguida da de outro (o artigo é escrito por um filósofo e um sociólogo), respondemos com um “sim”. Mas por qual razão?

Tão evidente quanto fundamental é saber separar nuances e aparar arestas, por isso, peguemos o exemplo deste trabalho. Enquanto Russell foi um filósofo com certa militância política por meio de seus escritos, manteve sempre uma postura que preconizava isso com base em análises existenciais. Já Sennett é um sociólogo que vivencia diretamente ambivalências da modernidade (e pós-modernidade) e seu sistema econômico de tal forma que o critica ferozmente. Entretanto, crê não ser oportuno se contentar com a análise e com o diagnóstico, sendo preciso propor soluções por meio de análises embasadas em experiências práticas, pretéritas ou horizontais, que atenuem tais ambivalências.

Desta feita, ainda que Filosofia e Sociologia sejam disciplinas de evidente proximidade, o que deve ser considerado aqui é que o critério de utilização de um autor ou de uma corrente teórica deve ser utilizado a partir de critérios que determinem o que se pretende e de que modo apresentar isso. Para sermos mais precisos, obviamente um pesquisador de humanas ao se debruçar sobre determinado tema avalia aspectos existenciais, como liberdade e justiça, ainda que seu objetivo seja explicitamente praxista.

Finalizamos, então, imbuídos da necessidade de exercitar mais essa prática de sair da zona de conforto de autores e linguagem específicos de nossas disciplinas. Buscar a leitura que nos apresente outra perspectiva. O estudo é constante, ele não se restringe ao ato de pesquisar, portanto, explorar outras áreas do conhecimento significa não somente a utilização das mesmas para fins bibliográficos, mas para a expansão do campo de visão e perspectiva de quem se propõe a estudar por meio do rigor científico.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANNO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Tradução: Alfredo Bosi. Martins Fontes: São Paulo, 2012.
- ARENDT, A condição humana. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 1958.
- BENTHAM, Jeremy. Uma introdução aos princípios da moral e da legislação – Coleção os pensadores. Abril, 1974.
- FOUCAULT, A ordem do discurso. Loiola: São Paulo, 1996.
- IRVINE, Andrew David. Bertrand Russell. In: Stanford Encyclopedia of Philosophy. Tradução de Jonas Carvalho de Moraes. Acessado em 08/06/2018.
- KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- RUSSELL, Bertrand. A Sociedade Humana na Ética e na Política. Tradução: Brenno Silveira. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1954.
- RUSSELL, Bertrand. A autoridade e o Indivíduo. Tradução Jaimir Conte. EdUFSC. Florianópolis, 2010.
- RUSSELL, Bertrand. Ensaios Céticos. L&PM Pocket. Porto Alegre, 2010.
- RUSSELL, Bertrand. Ensaios escolhidos – Coleção os pensadores. Abril Cultural. São Paulo, 1978.
- RUSSELL, Bertrand. Ensaios Impopulares. Tradução: Brenno Silveira. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1954.
- RUSSELL, Bertrand. Estoicismo e saúde mental. Tradução: Lauro Iane de Moraes. In: Revista Prometeus. São Cristóvão, 2014.
- RUSSELL, Bertrand. Misticismo e Lógica. Tradução: Wilson Veloso. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1957.
- RUSSELL, Bertrand. O casamento e a Moral. Tradução: Wilson Veloso. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1954.
- RUSSELL, Bertrand. No que acredito. L&PM Pocket Plus. Porto Alegre, 2007.
- RUSSELL, Bertrand. Porque os homens vão a guerra. Tradução: Renato Prelozentzou. Editora Unesp. São Paulo, 2014.
- SENNETT, R. A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Record: Rio de Janeiro, 1999
- SENNETT, R. Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual. Record: Rio de Janeiro, 2004.
- SENNETT, R. A cultura do novo capitalismo. Record: Rio de Janeiro, 2006.
- SENNETT, R. O artífice. Record: Rio de Janeiro, 2009.
- SENNETT, R. Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Record: Rio de Janeiro, 2012.
- SENNETT, R. Juntos agora. Valor, seção Cultura & Estilo, Rio de Janeiro. Entrevista concedida a Giovanna Bartucci, 2012. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/cultura/2801450/juntos-agora>>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- SENNETT, R.; COBB, J. The hidden injuries of class. Norton: New York, 1972.
- WHITEHEAD, Alfred. A ciência e o mundo moderno. Tradução Hermann Herbert Watzlawickj. Paulus: São Paulo, 2010.